

O que os homens trazem para, e levam do, feminismo? Uma análise situada sobre gênero e geração no feminismo brasileiro¹

Eliane Gonçalves UFG/GO

Fátima Regina Almeida de Freitas PUC GOIÁS/GO

Palavras-chave: homens, feminismo brasileiro, gerações.

Resumo

O feminismo - movimento social, teoria do conhecimento, práxis, modo de vida – qualquer que seja a centralidade concedida aos seus sentidos e significados, está diretamente associado às mulheres enquanto sujeito histórico e agente de suas lutas, sujeito este não unificado, mas pluralizado. No entanto, o debate sobre se o feminismo deveria se abrir à participação dos homens e qual seria o seu papel na ação feminista é antigo e não isento de muitas fricções e tensões. Rever este debate à luz de pesquisa empírica realizada com homens autodeclarados feministas no feminismo brasileiro é a proposta deste artigo que analisa a intersecção entre gênero e geração do ponto de vista da ação de homens feministas mais do que dos estudos sobre masculinidades. Atenta ao entrelaçamento entre gênero, raça, classe, geração, sexualidade e região, esta proposta pretende articular, tanto quanto possível, esses marcadores. Temos por objetivo refletir sobre como o feminismo afeta/ensina os homens, a partir de três lugares/atuações ou experiências – o trabalho direto em ONGs feministas; a participação em Núcleos/grupos de estudos e pesquisas sobre gênero e sexualidade de Universidades, cadastrados no CNPq com linhas de pesquisa autodenominadas feministas; a participação em cursos de formação feministas oferecidos por grupos e instituições a partir de processos seletivos. Algumas perguntas norteiam o estudo: O que as experiências de exposição ao feminismo, de mais curta ou longa duração produzem em termos de subjetivação nos homens? O que eles levam do feminismo para suas respectivas áreas de atuação? Quais as mudanças possíveis a partir deste contato? O que vem pautando a ação de homens feministas no cenário brasileiro? O que estes homens podem ensinar a outros homens?

¹Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB

Como pensar sobre as mudanças no feminismo a partir da presença de homens nesses debates? Quais as principais tensões enunciadas por homens e mulheres acerca de suas posições de sujeitos no feminismo?

Feminismo, homens

Esse texto parte de alguns lugares. Parte de leituras sobre gênero, sexualidade e parte de nossa atuação, juntas ou separadas, no Ser-tão, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade/UFG, no Grupo Colcha de Retalhos/UFG (grupo misto, criado em 2005, tendo como pauta a diversidade sexual) e no Grupo Transas do Corpo, organização feminista criada em 1987. Parte de inquietações como mulheres, adultas, cisgêneros e envolvem preocupações e questionamentos sobre a violência em geral e a proporcionada por homens de modo reiterado contra as mulheres, em particular. É fruto de indagações acerca das possibilidades que os feminismos têm de contribuir para alguma forma de mudança no comportamento e sentimento dos homens e assim, afetar a vida das mulheres. Parte igualmente, de relações acadêmicas, familiares e afetivas, assim como das relações diversas com orientadores, professores, pais, irmãos, namorados e amigos.

Os homens com os quais dialogamos aqui são cisgêneros, heterossexuais e não-heterossexuais, professores universitários e alunos de graduação, brancos, pretos e pardos e com idades entre 18 e 60 anos. São homens que em alguma medida foram tocados pelo feminismo, por realizarem um curso de formação feminista (em 2012), atuarem em ONGs feministas ou em núcleos de estudos e pesquisas acadêmicas sobre gênero e sexualidade. Esses homens nos fazem refletir sobre os lugares possíveis dos homens no feminismo, sobre como o feminismo pode mudá-los e como eles podem contribuir para mudar outros homens e, deste modo, impactar de forma positiva a vida das mulheres. O artigo traz uma reflexão sobre como este tema, associado aos estudos sobre homens e masculinidades no bojo mais amplo dos estudos de gênero, tem se desenvolvido no Brasil, de como parcela do movimento feminista tem lidado com esta perspectiva e de como sujeitos concretos acessados pela pesquisa refletem sobre o tema.

Há 30 anos ou um pouquinho mais, era comum nos espaços de formação² feminista no Brasil, em geral constituído apenas de mulheres, a pergunta recorrente às feministas: “não é necessário também trabalhar os homens?” Isso gerava uma estranha sensação. Éramos apreciadas pelo que fazíamos, mas era pouco. Trinta anos passados, a mesma questão reapareceu numa discussão entre jovens em uma coletiva feminista de um Instituto Federal em Goiânia. Segundo a jovem de 17 anos que narrou a cena, uma de suas companheiras queria levar o namorado às reuniões da coletiva na esperança de que ele “mudasse” (leia-se tornar-se menos machista). A jovem em questão argumentou de modo assertivo que o namorado era bem vindo nas atividades públicas promovidas pela coletiva e que o espaço de reuniões era para a formação, ampliação dos laços de amizade e solidariedade entre as meninas, tal como nos velhos (e bons) tempos dos anos passados.

O que há de relevante na aparente inocência de uma pergunta que atravessa décadas? Exatamente sua recorrência e sua permanência. Sua, digamos, longevidade. Significa que o feminismo ainda é muito pouco compreendido enquanto movimento que possui uma teoria e uma metodologia ou estratégias pedagógicas planejadas para disseminar seu ideário, para formar integrantes militantes e para difundir de modo mais amplo suas propostas. Que, assim sendo, seu público pode ser [e são] todas as pessoas, mas que sua forma de organização privilegia as mulheres. Betânia Ávila (2005) e mais recentemente, Silvia Camurça e Carmem Silva (2010) enfatizam esta tendência do movimento que aposta numa formação continuada das e pelas mulheres, aspecto que do ponto de vista da transmissão geracional, requer muito investimento. As experiências de formação “para fora” termo usual nas falas de ativistas que militam em organizações estruturadas, incluem cada vez mais pessoas em suas diversidades sexual, de gênero, classe, raça, localidade, geração etc. Mas, excetuando-se os núcleos universitários dedicados à pesquisa, extensão e ensino, espaços de formação feminista, sem dúvida, mas sem garantias de inserção nos movimentos sociais, as organizações têm mantido

² Referimo-nos à formação como uma das estratégias de transmissão do ideário feminista baseado em teorias e práticas, em metodologias diversas cuja característica central é a reflexividade. O feminismo brasileiro desenvolveu um conjunto de técnicas de trabalho em grupo que recebe este nome “formação”, em diversas modalidades e áreas tais como saúde sexual e reprodutiva, educação popular, sexualidades e direitos sexuais, gênero, violência, paternidade, entre outros. Este conjunto de metodologias recebeu influências teóricas e metodológicas diversas: Paulo Freire, Augusto Boal, Teologia da Libertação, Psicodrama, etc. e foi também gerador de diversas técnicas que podem ser chamadas de genuinamente feministas, como a “linha da vida”. Para mais informações sobre este assunto, conferir: PORTELLA, Ana Paula; GOUVEIA, Taciana. Introdução: feminismo, educação e gênero. In: Ideias e dinâmicas para trabalhar com gênero. Recife: SOS Corpo, 1999.

preferencialmente uma composição só de mulheres. Reiteramos que, embora focalizando prioritariamente as mulheres nas formações, as organizações da sociedade civil, notadamente as feministas, têm incluído diversas ações direcionadas ao público misto.

Marcia Tiburi, hoje filósofa bastante conhecida nos meios acadêmicos e militantes, por sua constante exposição na mídia, publicações e eventos, oferece uma definição para o feminismo e discute a questão política e ética da participação dos homens. Segundo ela, “o feminismo é uma luta contra a ignorância autoritária relativamente à sexualidade e a gênero”. Ela pergunta: “que homem conseguiria realmente ser feminista?” e prossegue:

O feminismo não é uma ideologia, tampouco um discurso sem consequências. Ele é uma prática. Como teoria ele exige uma prática. Por isso que um homem só poderia ser realmente feminista se praticasse o feminismo com todas as suas demandas. Talvez um homem feminista só pudesse ser de fato feminista caso se transformasse em mulher, se assumisse o lugar de uma mulher no sentido do lugar onde foram colocadas e por onde se emanciparam. Do contrário, um homem pode ser um simpatizante ou um apoiador. Nesse sentido, as mulheres também são, muitas vezes, apenas apoiadoras do feminismo, na medida em que se dizem feministas, mas não lutam pelos direitos de todas as mulheres. O feminismo é, portanto, na prática uma luta, não um nome, um rótulo, uma ideologia. (PRANDO, 2015)³

Praticar o feminismo em todas as suas demandas pode ser algo inatingível para alguém treinado a viver protegido pelo simples privilégio do sexo ao qual pertence. Numa grande “sacada”, Marco Túlio Urzêda de Freitas (2010), elaborou como trabalho final de uma disciplina sobre teoria feminista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFG, ministrado por Eliane Gonçalves em 2010, um artigo intitulado “Pode o não subalterno deixar de falar?”. Com esta pergunta alusiva ao famoso texto de Gayatri Spivak (2010[1985]), ele queria alfinetar os seus pares, homens cis, não importa a sexualidade, que se sentem compelidos a falar em qualquer ambiente independentemente de ser um ato público de mulheres ou uma aula da pós⁴.

³<http://www.discopunisher.com/2015/11/que-homem-conseguiria-realmente-ser.html>

⁴Aliás, este incidente de alunos interrompendo ou desqualificando falas femininas em aulas da pós-graduação também rendeu um episódio no PPGS da UFG no ano de 2015. Alunas realizando apresentações de textos de autoras do campo feminista (Butler, Spivak e Moufe) em formato de seminário na disciplina Teoria social contemporânea foram interpeladas com piadas sexistas durante a aula. As alunas redigiram uma nota assinada pela maioria (todas as alunas e um aluno) e remeteram à coordenação do programa. O programa publicou uma nota de repúdio e a última aula da disciplina foi dedicada a uma conversa ampliada da turma (inclusive os autores das piadas) com o professor, a coordenação e Eliane Gonçalves, como professora que se dedica aos estudos feministas. A faculdade também publicou nota de

Freitas ao lembrar o momento da aula no qual a questão emergiu, toma a reflexão para si “os homens podem ser feministas?” E, então, avalia:

No exato momento da pergunta, me posicionei contra essa possibilidade, pois, em meu ponto de vista, somente as mulheres poderiam ser feministas. Em seguida, um colega se manifestou dizendo que os homens também podem ser feministas, visto que ser feminista alude à tomada de uma postura política. (FREITAS, 2010)

Seguindo esta trilha de argumentação do aluno referido por Freitas, Camilo Braz, autodeclarado um homem feminista, em entrevista às pesquisadoras declara que homens feministas não devem assumir protagonismo, tomar para si a voz quando há as próprias mulheres para dirigirem suas demandas. Isso não o impede de demonstrar apoio, de estudar o tema, de se posicionar politicamente.

Fico pensando... se não faz sentido um homem se dizer feminista desde que ele não reivindique protagonismo dentro do feminismo e se ao fazer isso ele não está colocando em prática mesmo, esses ideais. Pelo menos é como eu tenho tentado me pensar. (Camilo Braz, 34 anos, entrevista em maio de 2016, Goiânia).

Parry Scott, do Núcleo de estudos sobre família e gênero (Fages) da UFPE, se sente “fazendo feminismo”, mas não adota o termo na definição literal do seu trabalho no núcleo:

Eu não me achava feminista não, eu sempre dizia que era uma contradição como que eu posso ser feminista se eu não sou mulher né, depois eu desenvolvi um discurso que, mas se as mulheres se avançam, se sentem melhores consigo mesmo, vão ser melhores também para os homens que vê que isso é uma valorização, então é uma coisa positiva também para os homens, mas não sei se isso me levou a pensar que eu era feminista, e até hoje eu sou um dos... eu não insisto, eu não tenho o menor problema de o meu trabalho ser um trabalho feminista porque as causas eu vejo como absolutamente corretas, mas eu não uso o nome porque o primeiro nome que vem, eu falo muito mais gênero, porque ele me dá a oportunidade de pensar as duas coisas. (Parry Scott, mais de 60 anos, entrevista em janeiro de 2014, Recife).

repúdio. Os alunos pediram desculpas por escrito, reconhecendo a prática violenta e o programa esclareceu que se a situação voltasse a se repetir, seriam aplicadas sanções: advertência, seguida de expulsão. Consideramos que este episódio teve um desfecho positivo em termos políticos e pedagógicos.

Masculinismo/masculinidades – fase inicial dos estudos sobre masculinidades

Muitos dos homens que se autodeclararam feministas, no Brasil, possuem uma aproximação com os estudos de gênero na academia, sendo esta inclusive parte da história de uma organização da sociedade civil que se dedica ao tema. O Instituto Papai, fundado em 1997, em Recife, segue sendo uma das poucas, senão a única, organização mista cuja missão é pensar as masculinidades no feminismo. Tanto seus, quanto suas integrantes, passando pelos fundadores, Benedito Medrado e Jorge Lyra, entendem que os homens têm um papel a cumprir no feminismo, mas ao lado das mulheres, aprendendo de sua experiência. Em sua página institucional lemos que “o Instituto Papai foi fundado com a proposta de refletir a invisibilidade da experiência masculina no contexto da vida reprodutiva e no cuidado com as crianças”⁵. Em entrevista à pesquisa sobre transmissão geracional no feminismo brasileiro, Medrado afirma ter aprendido tudo que aplica nas metodologias que utiliza na Psicologia Social em seu núcleo (GEMA/UFPE) com sua experiência no feminismo, que data de seu ingresso no mestrado na PUC/SP com a querida e saudosa Fúlvia Rosemberg, falecida em 2014.

(...) Em mil novecentos e noventa e cinco quando eu tive a primeira aproximação com a ECOS, uma organização que é fundada a partir do feminismo, que tem uma ação feminista desde sua origem e que eu conheci por causa de um projeto que eles estavam fazendo, elas no caso, que foi logo depois do Cairo [Conferência de População, 1994], que uma delas foi pro Cairo, aí voltou com essa perspectiva de trabalhar com homens a partir de num primeiro momento um olhar gênero, não necessariamente feminista, mas pelo menos um olhar de gênero, e elas montaram um projeto que envolvia a ideia de organização de um livro, uma organização de um grupo de pesquisa que envolvia gente da universidade, gente das ONGs, por isso eu acho que a minha primeira inserção também tem essa mescla entre universidade e ONG. (Benedito Medrado, cerca de 40 anos, entrevista em janeiro de 2014, Recife).

As masculinidades representam um campo de estudos relativamente novo dentro dos estudos de gênero e vem ganhando espaço no Brasil pelo menos desde a década de 1990 e se antes a categoria gênero era entendida (e refletida) somente a partir do feminino, agora os homens e as masculinidades também eram objetos de pesquisas e análises. No Brasil, já no final dos anos 1990 aparecem as primeiras reflexões publicadas acerca das masculinidades e sua relação com os feminismos. O livro mencionado acima por Benedito Medrado saiu em 1998, como resultado de um

⁵<http://institutopapai.blogspot.com.br/p/sobre-o-grupo.html>

seminário nacional ocorrido naquele ano e esboça como esta reflexão se dava e quem eram seus e suas agentes. Há uma clara predominância de mulheres refletindo sobre a temática. Na Revista Estudos Feministas em 1998, por exemplo, foi realizado um dossiê sobre masculinidades e os/as organizadores/as (e antropólogos/as) Maria Luiza Heilborn e Sérgio Carrara afirmam que “ao que parece nesse final de milênio, os homens – enquanto representantes de um gênero – vêm sendo definitivamente transformados em objeto de ciência.” (HEILBORN; CARRARA, 1998, p. 370)

Inspiradas em Sara Moreno (2016) em seu trabalho sobre homens, masculinidades e feminismo na Colômbia, aprendemos que os estudos sobre homens em masculinidades também possuem “ondas”: a primeira remete aos anos 1950-70, com a reflexão sobre o machismo da classe operária; a partir dos anos 80, os papéis de gênero, a identidade e as masculinidades não hegemônicas. A autora se pergunta: “si las mujeres eran objeto de poder y subordinación, ¿qué pasa con los hombres?, ¿cómo ejercen ese poder? ¿Acaso saben que lo tienen?” (MORENO, 2016, p. 253).

Segundo CASTILHOS (2012), o sul africano David Bernata, da Universidade da Cidade do Cabo, na África do Sul, autor do livro *The Second Sexism* o movimento dos homens em torno de suas questões e opressões específicas, também decorrentes de uma educação sexista e machista chama-se masculinismo. O termo existiu no Brasil nos anos 1980, quando surgiram os movimentos de homens pró-feministas em organizações como a SOF (à época, Serviço de orientação à família e posteriormente, Sempre Viva organização feminista), mas não se expandiu. Um dos ícones desta época é o psicólogo clínico Sócrates Nolasco. Mas no caso deste último, não são reflexões dentro do campo feminista e sim, dos estudos sobre gênero e masculinidades com enfoque clínico.

Com a ampliação da mídia nos anos 2000 e proliferação de *blogs*, *sites* e as redes sociais de relacionamento, o tema “bombou” de vez. Não apenas se multiplicaram as vozes de homens pró-feministas, como aqueles que lhe são hostis. Entre os primeiros, o *blog Papo de Homem*⁶ busca ser um espaço de diálogo e de ampliação de conhecimentos para homens e mulheres e na apresentação os autores se questionam sobre os interesses desses homens:

Homens se interessam apenas por sexo, dinheiro, futebol e bebida...? E se houvesse também um espaço para cultivar uma visão de mundo mais ampla, desafiar preconceitos, aprender a viver e se relacionar com mais satisfação? Esse é o PapodeHomem, um espaço

⁶<http://papodehomem.com.br/>

criado em 2006, no qual todos são bem vindos – independente de sexo, gênero, orientação sexual, credo ou raça.

Um dos autores do blog, Alex Castro, escreveu vários textos sobre os feminismos, a partir de sua perspectiva cis e heterossexual. Dentre eles o texto intitulado Como agradar as feministas, em que afirma que “Fundamentalmente, nós, homens, temos que apoiar o feminismo porque nossa consciência e nosso pensamento crítico não nos permitiriam observar o mundo de forma objetiva e não apoiar o feminismo.”⁷.

Alex Castro também escreve o Feminismo para homens, um curso rápido, um texto didático dividido em 26 seções, e o inicia da seguinte forma:

De homem para homem, algumas noções básicas e indispensáveis sobre feminismo. O texto é longo. Cada uma das subseções poderia facilmente ser um texto independente. Teríamos multiplicado nossos pageviews, mas o conteúdo ficaria disperso e espalhado, difícil de acessar e consultar. Preferimos publicar tudo de uma vez. Salvem. Leiam aos poucos. Repassem aos amigos. A discussão vai ser longa.⁸

Em alguns sites de organizações feministas há várias notas sobre o tema dos homens feministas. Repercutindo matérias de outras autorias, o portal do grupo *Geledés* publicou em 2014 os 35 passos que os homens devem seguir caso desejem apoiar as lutas feministas⁹. São itens que estimulam os homens a reverem seus comportamentos diante de cenas comuns e cotidianas nas quais os imperativos machistas e sexistas dominam. Este tipo de matéria tem sido presença constante em espaços tais com os muito conhecidos *blogueiras feministas*¹⁰, *escrevalolaescreva*¹¹ e nas campanhas da *Marcha das Vadias* que não analisaremos aqui por ultrapassar os propósitos e limites deste texto. Chamamos a atenção desses espaços discursivos porque trata-se de realidade recente à qual nada pode ser comparado com o que havia nas décadas anteriores.

⁷<http://papodehomem.com.br/como-agradar-as-feministas>

⁸<http://papodehomem.com.br/feminismo/>

⁹<http://www.geledes.org.br/35-passos-praticos-que-os-homens-podem-dar-para-apoiar-o-feminismo/>

¹⁰<http://blogueirasfeministas.com/>

¹¹<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/>

Sobre as tensões e desafios da relação entre homens e feminismo

A presença ou reivindicação de homens nos espaços feministas sejam acadêmicos ou do movimento tem relação com os estudos sobre masculinidades, como dito anteriormente e como atesta Luciano Fabri (2016). Tal como Medrado e Lyra (2008) esses homens adultos e jovens se aproximam das reflexões para repensar os papéis tradicionais numa cultura patriarcal: paternidade, sexualidade, dimensões do afeto e do cuidado, ativismo contra a violência.

La reflexión en torno a las tensiones, encuentros y desencuentros, entre los colectivos de varones y los feminismos es para mí materia de reflexión permanente, ya que en mi trayectoria personal de activismo me identifico, primero, como militante feminista, a partir de un largo proceso de involucramiento en esta agenda política, de formación teórica dentro y fuera de la academia, y fundamentalmente, de construcción de complicidades políticas y afectivas, forjadas en la praxis conjunta con compañeras y organizaciones del movimiento de mujeres feministas en Argentina. (FABRI, 2016, p. 359)

Este autor dá conta de que a discussão dos homens no feminismo remete ao estatuto disputado de sujeito do feminismo. Há na disputa outras modalidades: *trans* e *travesti*, mas como informamos anteriormente, não abordaremos as conexões *trans* porque a pesquisa não trabalhou com esse enfoque, ou seja, nenhum sujeito participou do estudo. Então, de fato, para homens cis, apoiadores ou autodeclarados feministas, a questão é quão confortáveis podem se sentir:

Tenho mais contato com o Ser-tão e com vocês, porque também estávamos no Ser-tão, e no Conselho Consultivo do Transas, eu me sentia feminista. Achava super bacana. Mas aí na aula da Eliane, nós éramos 4 homens e acho que umas 16 mulheres, na disciplina da Eliane do doutorado. Aí teve uma polêmica, Marco Túlio, Rogério, Lourival, e aí era curioso, porque a gente discutia que não podia ser feminista. Nos tiraram esse direito. (...) Agora, depois de 20, 30 anos, os homens podem vir. Eu vi isso na formação do Transas, na formação de lideranças feministas, nos últimos cursos. (...) Eu me identifico sim, ainda que algumas feministas não aceitem, por enquanto vou ficar assim na reserva, aonde não puder eu não sou, aonde puder, eu sou! (Rezende Avelar, 55 anos, entrevista em maio de 2016, Goiânia).

O que diferencia a fala de Rezende em sua trajetória de formação feminista é seu contato prévio com mulheres de sua geração ou mais velhas, que já eram feministas e exerceram sobre ele uma boa influência.

Quando eu conheci as feministas em 1995, as feministas do Transas do Corpo, e o jeito delas ensinarem e falar de equidade de gênero, eu falei: é aqui mesmo o meu lugar, é aqui que eu queria armar a minha tenda, porque tem a ver com o que eu já venho experimentando nos lugares em que eu me reconheço como gente, como pessoa. E então, me marcaram muito a Eliane, A Lenise e a Kemle, as três seguem sendo pra mim uma referência. (...) E depois delas foi fácil encontrar as feministas que estudavam Bíblia no mundo protestante e católico. Aí eu conheci a Ivone Gebara, eu li os textos dela, me influenciou muito.

Refletindo sobre a participação de homens jovens em duas edições do curso *Tramas e Redes para mudar o mundo*, realizado em 2012¹² obtivemos alguns depoimentos sobre como a prática e reflexão feministas afetaram os participantes. Este curso de extensão foi realizado na modalidade semipresencial, utilizando metodologias feministas e atividades desenvolvidas no ambiente virtual de aprendizagem *Moodle*. Foi desenvolvido em duas edições e ofereceu 120 vagas em cada uma delas. Na seleção da/os candidata/os levamos em conta a diversidade de gênero, geração, sexo, raça/cor, classe social, localidade geográfica e escolaridade, e tivemos em torno de 10-12% de homens inscritos e os selecionamos na mesma proporção.

Ao final do curso, aplicamos um questionário para avaliar as percepções sobre o curso e sobre o feminismo que estes homens tiveram. A partir dessas respostas, concluímos que temos um pouco mais de noção de como o feminismo provocou mudanças nas práticas cotidianas destes, sobre como o contato com mulheres permitiu que eles se colocassem em seus lugares, sobre como puderam repensar sobre suas práticas a partir das vivências feministas. Mudanças de comportamento, posicionamento, olhar, mudança, portanto na forma de se verem/colocarem como homens na sociedade brasileira.

Quando questionados sobre as mudanças em suas percepções, lemos, por exemplo:

Eu passei a prestar mais atenção no meu próprio posicionamento. Acho que passei a tomar mais cuidado para não reproduzir preconceitos, seja através do comportamento, da fala ou até mesmo do pensamento (jovem de 28 anos).

¹²Este projeto de extensão se insere no contexto de um projeto de pesquisa [Estratégias de transmissão intergeracional no feminismo brasileiro] que parte de uma observação situada do presente e de algumas indagações acerca das possibilidades e limites da transmissão de um ideário – princípios, valores, metodologias, saberes, etc. – através do tempo.

Outros cursistas também apontam a ampliação de conhecimentos, a possibilidade de se repensar e a importância de integrar os homens nesses debates:

- (1) Gostei da diversidade em vários sentidos, desde @s participantes até os conteúdos apresentados. Considero muito positivo a abertura para homens participarem. Outro ponto foi a capacidade do curso em despertar idéias tão diversas n@s participantes em relação ao trabalho final (jovem de 20 anos).
- (2) Vivenciar a diferença, imergir nas coisas outras foi, sobretudo, enriquecedor. Tenho mais poder; de fato, meu horizonte se ampliou. Mais adiante, espero narrar esse acontecimento como gerador de práticas duradouras (jovem de 24 anos).

Gerar práticas duradouras, eis aí um desafio e tanto. Na entrevista que realizamos com Benedito Medrado, o interlocutor fala sobre a necessidade de se pensar os homens além da figura de autores de violência de gênero, mas ampliar esse olhar sobre as percepções do masculino em sua pluralidade. Uma das bases da entrevista foi refletir sobre a importância de localizar os homens no debate feminista e no combate ao machismo e à violência, pois segundo Benedito:

Entre as vítimas do machismo a gente também localiza os homens, eu não diria que são todos os homens, eu não diria que são qualquer circunstâncias de homens, mas esse mesmo modelo também cria, eu tento evitar os mesmos termos que eu acho que a forma de opressão sobre as mulheres é diferente das formas de opressão sobre os homens, mas que existe uma opressão desse modelo sobre os homens, existe, porque se a gente for pensar na perspectiva de que nem todo homem é igual, então as condições de ser homem na sociedade varia, se eu sou branco, se eu sou negro, se eu sou hétero, se eu sou homo, se eu sou pobre, se eu sou rico, se eu sou de grande centro, se eu sou de pequeno centro, se eu sou de periferia, enfim, essas condições de existência do masculino no plural. (Benedito Medrado, entrevista em janeiro de 2014, Recife).

A presença de homens nos espaços feministas de articulação, seja no movimento social ou na academia, onde a representação é disputada, talvez seja a face mais tensa desta relação que estamos tentando caracterizar ainda que precariamente, porque o trabalho está em progresso. Parry Scott oferece uma narrativa sobre desconforto nesses espaços na entrevista realizada no Fages/UFPE em janeiro de 2014.

Aí eu não sei, eu vou falar primeiro sobre a tensão que tem e numa forma que até novamente é pouco contraditória né, porque uma coisa que me inquieta e é muito mais pessoal do que o movimento como um todo..., fui para a segunda conferência nacional das mulheres, eu fui

uma das poucas pessoas novamente, como eu falei no GT na ANPOCS, eu fui o único homem, nessa eu fui um dos únicos homens e a polêmica na minha frente foi quando eu tava querendo comentar uma coisa e disseram "não, homem não fala aqui não, não pode falar aqui" gerou toda uma discussão se pode ou não pode, como que pode, gostei que a discussão foi feita assim, mas foi extraordinariamente constrangedora né, você não ter voz, independente de ter voto ou não ter voto, eu fui lá interessado nos assuntos que seriam discutidos, fazendo parte, querendo dar apoio ao que tava sendo colocado como pauta, mas visto imediatamente como inimigo né, não pode ter palavra, então... (Parry Scott, entrevista em janeiro de 2014).

Em tom semelhante, os acadêmicos Jorge Lyra e Benedito Medrado relatam algumas das situações nas quais sentiram-se desconfortáveis ao se aproximarem dos espaços do movimento feminista. Eles falam das resistências que vivenciaram, mas também do acolhimento que receberam por parte das mulheres (MEDRADO e LYRA, 2014, p. 68-69)

Obviamente, nossa aproximação com o movimento feminista nem sempre foi tranquila. Apesar do respeito e cuidado de algumas colegas, especialmente Ana Alice Costa e Luzia Miranda Álvares, entre outras, em diferentes momentos, na REDOR, fomos, direta ou indiretamente, motivo de desconforto quando nossos nomes eram sugeridos para ocupar algum lugar de representação da Rede.

Mas, isso não aconteceu somente na REDOR. Muitas foram as situações em que fomos questionados sobre nosso trabalho. Havia as que não entendiam ou não queriam entender nossa proposta. Porém, na grande maioria das situações houve acolhimento e a compreensão compartilhada sobre a importância e necessidade de maior envolvimento de homens em questões relativas à saúde e à vida reprodutiva. As situações em que havia resistência eram exatamente aquelas em que alguém, por algum motivo, achava que naquele espaço ou evento específico não deveriam estar homens, dado que era um espaço de fortalecimento do sujeito político "mulher".

Luciano Fabri (2016, p. 367) aponta reflexões semelhantes:

Si coincidimos con los feminismos contemporáneos en que el género precede y produce al sexo – y para el caso, que los discursos sociales sobre la masculinidad producen al hombre/varón en tanto sujeto dominante – devenir feministas no se tratará tanto de ser más o verdaderos hombres (sic) –es decir, más o verdaderos sujetos dominantes – sino de abandonar progresivamente la masculinidad, para así devenir sujetos más libres e iguales.

Com essas reflexões, terminamos nosso artigo introdutório, chamando a atenção para a importância de hoje, mais que nunca, de um feminismo pluralizado, diverso, multifacetado, reconhecer que precisa se dirigir a todos, sem economia, sem segregação. A pergunta retórica de mais de 30 anos quer uma resposta e obviamente ela não está lá nos anos 1980, quando o movimento experimentava sua recomposição na abertura

democrática e o feminismo era considerado divisor da classe operária, inimigo burguês etc., e as mulheres tinham uma exigência ética e prática que era formar grupos, fazerem reflexões políticas a partir das experiências pessoais. A resposta é necessária agora, quando milhares de jovens e muito jovens vão às ruas declarando-se feministas, lutando pelo direito à cidade, à rua, à vida, contra aviolência sexista, racista e fóbica de todos os matizes do gênero e da sexualidade. Com a mudança veloz nos padrões de comunicação e formas de fazer política, não dá mais tempo de cultivar, embora isso seja ainda extremamente relevante, apenas a alegria dos encontros auto-reflexivos. Somos professoras, sabemos da importância de continuar resistindo e inserindo esta agenda nos cursos de graduação e pós, na pesquisa e na extensão, nas federais e nas confessionais, sob pena de sermos tragadas e jogadas para bem longe pelo ciclone conservador que gira veloz na empobrecida política brasileira de nossos dias. A formação acadêmica é, por vezes, a única oportunidade que rapazes têm de travar contato com a literatura feminista ou a ciência feita por mulheres, sejam feministas ou não. E, dado o reflorescimento dos coletivos (agora coletivas, no feminino) nas universidades, eles têm, também, a chance de verem meninas e mulheres construindo uma metodologia e uma forma de atuação que infelizmente não para de produzir temas e problemas.

Referências

- ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra; MEDRADO, Benedito (Org.). *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS: Ed. 34, 1998.
- ;ÁVILA, Maria Betânia. Feminismo e sujeito político. In: SILVA, Carmem. (org.). *Mulher e Trabalho*. Recife, SOS Corpo, 2005.
- CASTRO, Alex. Como agradar as feministas. Blog Papo de home. Disponível em: <http://papodehomem.com.br/como-agradar-as-feministas>. Acesso em maio 2016
- _____. Feminismo para homens, um curso rápido. Disponível em: <http://papodehomem.com.br/feminismo/>. Acesso em maio 2016
- FABRI, Luciano. Colectivos de hombres y feminismos. Aportes, tensiones y desafíos desde (y para) la praxis. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, n. 22 – abr 2016 - pp.355-368. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2016.22.16>. Acesso em maio 2016.
- FREITAS, Marco Túlio U. Pode o (sujeito) não-subalterno deixar de falar? Sobre o lugar dos homens nos estudos feministas. Goiânia: UFG/FCS/PPGS. Paper, 2010.

HEILBORN, Maria Luiza e CARRARA, Sérgio. Em cena, os homens... *Revista Estudos Feministas*, vol. 6, nº 2, 1998, p. 370-374.

LYRA, Jorge. *Homens, feminismo e direitos reprodutivos no Brasil: uma análise de gênero no campo das políticas públicas (2003-2006)*. 2008. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Departamento de Saúde Coletiva, Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2008.

MEDRADO, Benedito e LIRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Estudos Feministas*, 16(3). Florianópolis: UFSC, 2008, p.809-840.

_____. *Produzindo memórias para alimentar utopias: Narrativas sobre uma organização feminista brasileira que, desde 1997, ousa trabalhar com homens e sobre masculinidades*. Recife: Instituto PAPAÍ, 2014.

MORENO, Sara Yaneth Fernández. Varones y masculinidades en clave feminista:trascendiendo invisibilidades, ausencias y omisiones. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, n. 22 – abr2016, p.249-277. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2016.22.16>. Acesso em maio 2016.

PORTELLA, Ana Paula; GOUVEIA, Taciana. Introdução: feminismo, educação e gênero. In: *Ideias e dinâmicas para trabalhar com gênero*. Recife: SOS Corpo, 1999.

PRANDO, Alisson. Entrevista a Marcia Tiburi. *Que homem conseguiria realmente ser feminista?* Domingo, novembro 08, 2015. Disponível em <http://www.discopunisher.com/2015/11/que-homem-conseguiria-realmente-ser.html> Acesso em maio de 2016.

SILVA, Carmem; CAMURÇA, Sílvia (2010). *Feminismo e movimento de mulheres*. Recife: SOS Corpo.